

**Cartas
do Rio de Janeiro**

1811-1821

Luís Joaquim dos Santos Marrocos

Biblioteca Nacional de Portugal

Lisboa 2008

**Cartas do Rio de Janeiro
1811-1821
Luís Joaquim dos Santos Marrocos**

COORDENAÇÃO DO PROJECTO

Elisabet Carceller Guillamet

PESQUISA E REVISÃO

Maria Conceição Geada

ESTUDOS

Ana Cristina Araújo

Luís Alves Marques

TRANSCRIÇÃO E ÍNDICES

Cristina Pinto Basto

Elisabet Carceller Guillamet

COLABORAÇÃO

Filipe Aboim Antunes

Isabel Ramirez Garcia

CAPA

Charles Landseer

Cidade do Rio de Janeiro vista do Livramento

DESIGN

TVM designers

DIGITALIZAÇÃO

Elisabet Carceller Guillamet

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Officinas Gráficas ERP/BNP

TIRAGEM 1500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 275337/08

© Biblioteca Nacional de Portugal | Biblioteca da Ajuda

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

MARROCOS, Luís Joaquim dos Santos, 1781-1838

Cartas do Rio de Janeiro : 1811-1821 / Luís Joaquim dos Santos Marrocos ; coord. Elisabet Carceller Guillamet ; pesq. e rev. Maria Conceição Geada ; transcr. e índices Cristina Pinto Basto, Elisabet Carceller Guillamet. Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal, 2008. – 564, [4] p. : il. – (Fontes)
ISBN 978-972-565-430-9

I CARCELLER GUILLAMET, Elisabet, 1979

II GEADA, Maria da Conceição de Carvalho, 1943

III BASTO, Cristina, 1965

CDU 821.134.3-6Marrocos, Luís.09(042)

929Marrocos, Luís(044)

94(469)"1811/1821"(044)

94(81)"1811/1821"(044)

PATROCÍNIO

200 Anos
Portugal. Brasil

vila Galé
HOTÉIS

Apresentação	9
CRISTINA PINTO BASTO	
Estudos	
Uma longa despedida.	13
Cartas familiares de Luís Joaquim dos Santos Marrocos	
ANA CRISTINA ARAÚJO	
O papel e as marcas de água	41
nas cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos	
LUÍS ALVES MARQUES	
Cartas 1811-1821	
Edição das cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos	71
Critérios de transcrição	73
Cartas do Rio de Janeiro: 1811-1821	77
LUÍS JOAQUIM DOS SANTOS MARROCOS	
Índices	
Índice cronológico	509
Índice topográfico	515
Índice onomástico	523
Índice ideográfico	541
Índice descritivo de imagens	563

Apresentação

Estava por editar em Portugal¹ o conjunto epistolar de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, preservado na Biblioteca da Ajuda, e não poderia haver melhor escolha e ocasião para o mesmo ser apresentado do que no momento em que se comemora o segundo centenário da ida da corte portuguesa para o Brasil.

A presente edição permite, para além de dar a conhecer o funcionário da Real Biblioteca que, no cumprimento das suas funções, foi juntar-se à Família Real no Rio de Janeiro, conhecer a sociedade onde viveu, o espírito da época, os costumes e as mentalidades, expressos na sua correspondência, de carácter particular, dirigida maioritariamente ao pai e à irmã.

Deste modo, cumpre-se uma prática que se tem vindo a seguir no sentido de divulgar e tornar acessível, a todos aqueles que se interessam pela nossa história e não só aos estudiosos da mesma, o património arquivístico que a Biblioteca da Ajuda detém à sua guarda e cujo resultado esperamos que venha a contribuir para um melhor e mais aprofundado conhecimento de um período peculiar da história do nosso país e da nossa instituição.

Estando reunidos os motivos suficientes e a oportunidade para se apresentar este projecto, o mesmo contou com o esforço e elevada competência profissional da equipa da Biblioteca da Ajuda, com destaque para a Mestre Elisabet Carceller e Dr.^a Maria da Conceição Geada, sem as quais teria sido impensável trazer a público a presente publicação. Como teria sido impossível editarmos esta obra sem a resposta entusiástica da Dr.^a Ana Cristiana Araújo e do Dr. Luís Marques que contribuíram, com os seus estudos, para um melhor conhecimento do autor destas cartas.

¹ Edição brasileira com a transcrição parcial das «Cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, escritas do Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821». *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 56 (1934). Publicado em 1939.

Os agradecimentos estendem-se, igualmente, ao Dr. Filipe Antunes e à Dr.^a Isabel Garcia pela preciosa ajuda dada nas transcrições das cartas, mesmo depois de estarem profissionalmente desligados da Biblioteca da Ajuda.

Finalmente, o devido destaque à Direcção da Biblioteca Nacional de Portugal, ao Director-Geral, Dr. Jorge Couto e Subdirectora-Geral, Dr.^a Maria Inês Cordeiro, sensíveis, desde logo, à proposta de edição apresentada e responsáveis pela publicação deste livro.

Uma palavra final de gratidão ao Dr. Francisco Cunha Leão, cujos conselhos e sugestões foram e serão sempre uma mais-valia.

CRISTINA PINTO BASTO
Directora da Biblioteca da Ajuda

Uma longa despedida.

Cartas familiares de Luís Joaquim dos Santos Marrocos

ANA CRISTINA ARAÚJO

Universidade de Coimbra | Faculdade de Letras

Luís Joaquim dos Santos Marrocos é um homem sem grande valimento social, sem obra publicada, e, a avaliar pelos traços do retrato que compõe de si, sem qualidades notórias. Ambiciona subir na vida e não esconde esse desígnio: – «vivo na esperança de ser algum dia mais do que sou»¹. A aspiração social existe, mas são poucos os documentos oficiais que reportam a trajectória e as andanças de sua vida, da qual também não fazem parte feitos extraordinários ou motivos merecedores de menção pública.

Senhor de um apelido invulgar, Marrocos nasce a 17 de Julho de 1781, em Lisboa, e morre a 17 de Dezembro de 1838, na cidade do Rio de Janeiro². Na altura tinha 58 anos e nenhum testemunho parecia assegurar longevidade à sua memória pessoal, que abarcava acontecimentos passados em dois séculos, dois continentes e dois países: Portugal e Brasil.

Nos alvares da idade adulta, circunstâncias imprevistas e decisões difíceis tinham abalado, profundamente, os destinos da sua família e da sua pátria. Em tempos de incerteza no continente europeu, com o desenrolar da Guerra Peninsular (1807-1814), e no decurso de um difícil período de adaptação ao Brasil, para onde se desloca, na Primavera de 1811, em missão de serviço à Corte, no Rio de Janeiro, Luís Joaquim dos Santos Marrocos converte a rotina em matéria de escrita, relatando, regularmente, ao pai e à família episódios, notícias e acontecimentos da época. Esta copiosa documentação pessoal pode considerar-se um testemunho raro e uma fonte extraordinária para o estudo da sua condição histórica e da de outros homens e mulheres seus contemporâneos. Os quadros sociais da memória de Luís Joaquim dos Santos Marrocos e as contingências que ditam o seu papel de observador dos Grandes, da Corte e do

¹ BA 54-VI-12^o, Rio de Janeiro, 24 de Outubro de 1811, p. 84.

² Para a data de nascimento, veja-se o treslado da certidão passada pelo padre Joaquim Manuel de Carvalho, prior da igreja paroquial de S. Miguel da Alfama, em 3 de Outubro de 1797 – AUC, Certidões de Idade, 1772-1833, livro XXXV. Para a data da morte, veja-se a notícia de obituário do *Jornal de Comércio* do Rio de Janeiro, de 18 do mesmo mês, na introdução de Rodolfo Garcia às «Cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, escritas do Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821» (MARROCOS 1939: 16).

governo, e da gente comum e seus hábitos sociais fazem dele um protagonista oculto de acontecimentos colectivos e um narrador comprometido, com muitas histórias para contar. Mais do que dar a conhecer um modo de ser e uma forma de estar, as cartas trazem à superfície um conjunto de factos em processo de acontecer.

Neste estudo introdutório começamos por salientar, em traços largos, as características da correspondência: os destinatários, o ritmo da escrita, a sua materialidade e os múltiplos circuitos que as cartas percorrem, por correio. Num segundo momento, analisamos a posição do autor em relação aos seus correspondentes, tentando captar, com a nitidez possível, o retrato de quem escreve, as suas motivações, laços familiares, redes clientelares e teias de sociabilidade. Em terceiro lugar, realçamos, no quadro da biblioteca, os aspectos ligados à cultura, com destaque para o livro e para a leitura. Por fim, sinalizamos o carácter recorrente da informação sobre a vida social, económica e política no Rio de Janeiro, com o objectivo de descrever as motivações de quem quer ser diferente permanecendo o mesmo homem mas não o mesmo sujeito histórico, antes e depois da Independência do Brasil. Dito de outro modo, ensaiaremos descortinar em que medida a partilha real e simbólica da terra dá lugar à demarcação de identidade política.

Muitas informações dispersas – de carácter político, económico, social e cultural –, igualmente preciosas para a compreensão da época, permanecerão exteriores a esta leitura, que, sublinhe-se, tem apenas um carácter introdutório. De qualquer modo, os assuntos contemplados nas cartas, as referências temáticas e os campos de nomeação que nelas se inscrevem têm a sua busca bastante facilitada, dado que esta edição comporta diversos índices analíticos. Em resumo, este livro disponibiliza ao leitor um conjunto excepcional de cartas, fornece-lhe um extenso roteiro de mensagens e uma concisa gramática comunicativa, de molde a melhor vincular as cartas ao seu emissor e às distintas pessoas que, directa ou indirectamente, intervêm na rede de comunicação que a correspondência alimenta.

O Maço de Correspondência

O riquíssimo epistolário de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, agora dado à estampa, em versão integral, compreende um total de 206 documentos avulsos, manuscritos, dos quais 191 autógrafos. O epistolário abre com uma carta datada de 12 de Abril de 1811 e termina com outra escrita em 26 de Março de 1821. O destinatário principal de 165 cartas familiares é o pai, Francisco José dos

O papel e as marcas de água nas cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos

LUÍS ALVES MARQUES

Biblioteca da Ajuda

Paralelamente à transcrição das cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos julgou-se pertinente a caracterização do papel utilizado na sua correspondência, assim como a elaboração de um registo de todas as suas marcas de água¹. O estudo das marcas de água assume-se como uma ferramenta fundamental, pois estas permitem, entre outras, datar documentos, identificar tamanhos e qualidade das folhas de papel, e, conseqüentemente, orientar-nos para o local de produção e ter uma noção da sua circulação comercial.

No sentido da sua identificação todas as marcas de água foram registadas fotograficamente (à transparência) e trabalhadas digitalmente, de forma a melhorar a sua observação e análise. A identificação das marcas de água foi realizada por comparação com imagens editadas em bibliografia ou bases de dados específicas, visando a recolha de informação sobre o artesão, o moinho e a localização geográfica do moinho.

Observamos que a correspondência enviada por Luís Joaquim dos Santos Marrocos, desde o Rio de Janeiro, um conjunto de 206 missivas que compreendem um espaço de tempo de quase 10 anos (12 de Abril de 1811 a 26 de Março de 1821), contém tanto papel avergado² como papel velino³. Estes dois tipos de

¹ Marca de água ou filigrana, desenho ou inscrição que se pode observar numa folha de papel quando observada à transparência. O desenho é delineado em fio de cobre sobre a superfície onde se forma a folha de papel. Esta representação em alto-relevo deixa uma marca em baixo-relevo na folha de papel que é visível à transparência devido ao facto de ter menos material fibroso.

² Papel avergado, ou *vergé*, papel manufacturado numa forma de madeira, cujo fundo é uma teia metálica constituída por fios horizontais (vergaturas) e verticais (pontusais). Esta forma é mergulhada numa tina que contém a pasta de fibras vegetais, que se enredam e distribuem sobre a teia metálica à medida que vai perdendo a água em excesso.

Como acontece com a marca de água, também as vergaturas e os pontusais se podem observar à transparência.

³ Papel velino, papel liso e uniforme, muito semelhante ao pergaminho fino (denominado de Velino), quando observado à transparência. Este novo aspecto do papel tornou-se possível devido à substituição das anteriores vergaturas existentes na forma de madeira, por uma rede/teia metálica mais fina e uniforme (invenção atribuída a John Barkerville, em meados do século XVIII).

Primeiramente manufacturado, este papel passou a ser produzido nos inícios do século XIX numa máquina de superfície lisa, onde as fibras eram espalhadas sobre um tapete em rede metálica, gerando papel em contínuo.

[12 de Abril de 1811]

Meu Pai e Senhor do Coração

Esta é feita entre Céu e água, sobre mil aflições, desgostos e trabalhos, quais nunca pensei sofrer; pois tendo saído da barra de Lisboa com vento de feição, mal chegámos ao mar largo, nos saltou vento de travessia, que nos impeliu para a Costa de África: à vista dela passámos as Ilhas dos Açores, e as Canárias, por meio de bordagens¹ retrógradas, que por muitas vezes chegou a suspender-se de todo a navegação pelas calmarias podres, misturadas com ventos contrários, que nos expunha a imensos perigos. Agora estamos na esperança de avistarmos amanhã a Ilha de Santiago, uma das de Cabo Verde, e por não deixar uma tão boa ocasião, tenho tenção de saltar em terra, não obstante os maus ares do terreno, a fim de lançar esta Carta no Correio, por não confiar esta empresa de outrem. Não é necessário explicar a Vossa Mercê o sumo cuidado, em que tenho passado estes 27 dias de viagem, considerando em toda a família, sem excepção de pessoa: estou certo que Vossa Mercê me crê; e muito mais na moléstia da Mãe, e nas vertigens súbitas de Vossa Mercê, mas Deus permitirá se não aumente o desarranjo com a falta de saúde. Eu tenho passado muito incomodado da garganta, boca e olhos, de maneira que estou em uso de remédios: não tive enjoo algum ao sair da barra de Lisboa; porém causou-me a maior compaixão ver o vomitório geral da gente da Fragata; pois entre 550 pessoas, que aqui há, foram poucas as privilegiadas do enjoo. De noite não posso dormir mais de uma hora, porque o resto fica-me para eu pensar nos lances presentes e futuros da minha vida. Ao oitavo dia de viagem já era corrupta e podre a água de ração, de maneira que se lançam fora os bichos para poder beber-se: tem-se lançado ao mar muitos barris de carne salgada podre. Enfim tudo aqui é uma desordem, pela falta de providências em tudo: todas as cordas da Fragata estão podres, menos as enxárcias; todas as velas estão avariadas, de sorte que se rasgam com qualquer viração: a tripulação não presta; e em semelhante estado ficaremos perdidos, se por nossa desgraça formos acometidos de algum temporal rijo. Não há botica suficiente para os doentes, pois não consta mais do que de meia dúzia de ervas, sendo aqui as moléstias em abundância; não há galinhas, nem carnes frescas para eles. Finalmente, para dizer tudo de uma vez, se eu soubra o estado, em que existe a Fragata *Princesa Carlota*, repugnava absolutamente de meter-me nela e a Livraria, e nisto mesmo fazia um

¹ Termo náutico de bordejar: navegar virando de bordo com frequência.

grande serviço a Sua Alteza Real². Apesar de tudo isto, confio na misericórdia Divina, que nos livrará dos riscos, a que estamos expostos; e a cuja Providência estou entregue com a maior resignação. Vossa Mercê terá a bondade de me recomendar a todos os da nossa amizade; e espero me inclua nas suas orações, felicitando-me com a sua bênção, rogando isto mesmo a minha Mãe e Tia, a quem não posso explicar a perturbação da minha cabeça, que às vezes chego a perder o tino, pensando como e quando as chegarei a ver. Espero que Vossa Mercê me escreva, logo que receber esta, dirigindo-a para o Rio de Janeiro: e Sou De Vossa Mercê Filho muito afectuoso e [do] Coração

P. S. Saudades à Mana³ e à Inês: e tendo tanto para dizer ainda, é tal a pressa, que me obriga a levantar pena, reservando este sossego para o Rio, se Deus permitir que eu lá chegue.

Em 6.^a feira de Paixão⁴ às 10 horas da noite, e já com dois recados da Ronda para que apague a luz⁵.

² Dom João, Príncipe Regente.

³ Bernarda Maria da Conceição.

⁴ 12 de Abril de 1811.

⁵ Nesta carta e na seguinte aparece a indicação da morada do pai: «Paço Real de Nossa Senhora da Ajuda, Pátio da Ópera Real em Belém – Lisboa».

Rio de Janeiro 27 de Setembro de 1820

Recebida a 14 de Dezembro.

Meu prezadíssimo Pai e Senhor do Coração. Estando para sair deste porto amanhã a Escuna *Ninfa*, não deixo de me aproveitar da ocasião, para dirigir a Vossa Mercê estas regrinhas, participando que chegou aqui ultimamente o Navio *Visconde de Monte Alegre* sem me trazer Cartas de Vossa Mercê, as quais já me faltam há muito tempo: por esta razão continuam as minhas queixas, e ainda que vivo oprimido de muito trabalho, faço toda a diligência para que me não escape Navio algum, sem que leve Carta minha sendo o objecto principal dar e receber notícias.

Estimo que Vossa Mercê goze perfeita saúde, e que minha Mãe se ache melhor da sua grave moléstia; que a Mana e Tia também desfrutem o mesmo bem. Nós passamos menos mal, quando se não contem certos incómodos, que ou um ou outro dia se padece, e que pelo costume se não estranham. Todos nos recomendamos muito, ficando mui confiados na sua amizade e bênção, assim com da Mãe; sendo com toda a veneração De Vossa Mercê Filho muito obediente e obrigado [do] Coração

P. S. Remeto as Gazetas últimas mais importantes.